Sebrae-PE

FÓRUM CONVIVÊNCIA PERMANENTE PRODUTIVA COM AS SECAS

Dimensão das secas no Nordeste: por que ~~não~~ avançamos em soluções

Gustavo Maia Gomes

Recife, 22 de maio de 2014

Tese central (I)

- Ao contrário da crença geral, defendo a tese de que **avançamos, sim, em soluções para uma "convivência permanente produtiva com as secas"**

- (Isso não quer dizer que a situação atual seja satisfatória, ou que os progressos alcançados sejam irreversíveis. Apenas, que as transformações recentes apontam um caminho, até o presente, sequer, cogitado, para enfrentar "o problema das secas")

Estrutura do argumento em defesa da tese

- Nos últimos 50 anos (mas, especialmente, desde 1990), houve significativas transformações na economia e sociedade do Semiárido nordestino

- Muitas dessas transformações tiveram como causa inicial políticas cujos objetivos **não incluíam** minorar os efeitos das secas (nem "conviver" com elas)

- Isso, entretanto, aconteceu: devido às políticas e às transformações econômicas, a população do Semiárido hoje é sensivelmente mais capaz de suportar (ou "conviver produtivamente" com) as secas do que em épocas passadas

O CONTEXTO HISTÓRICO, OU AS TRANSFORMAÇÕES DE LONGO PRAZO

A sociedade do Semiárido tornou-se, em larga medida, urbana (I)

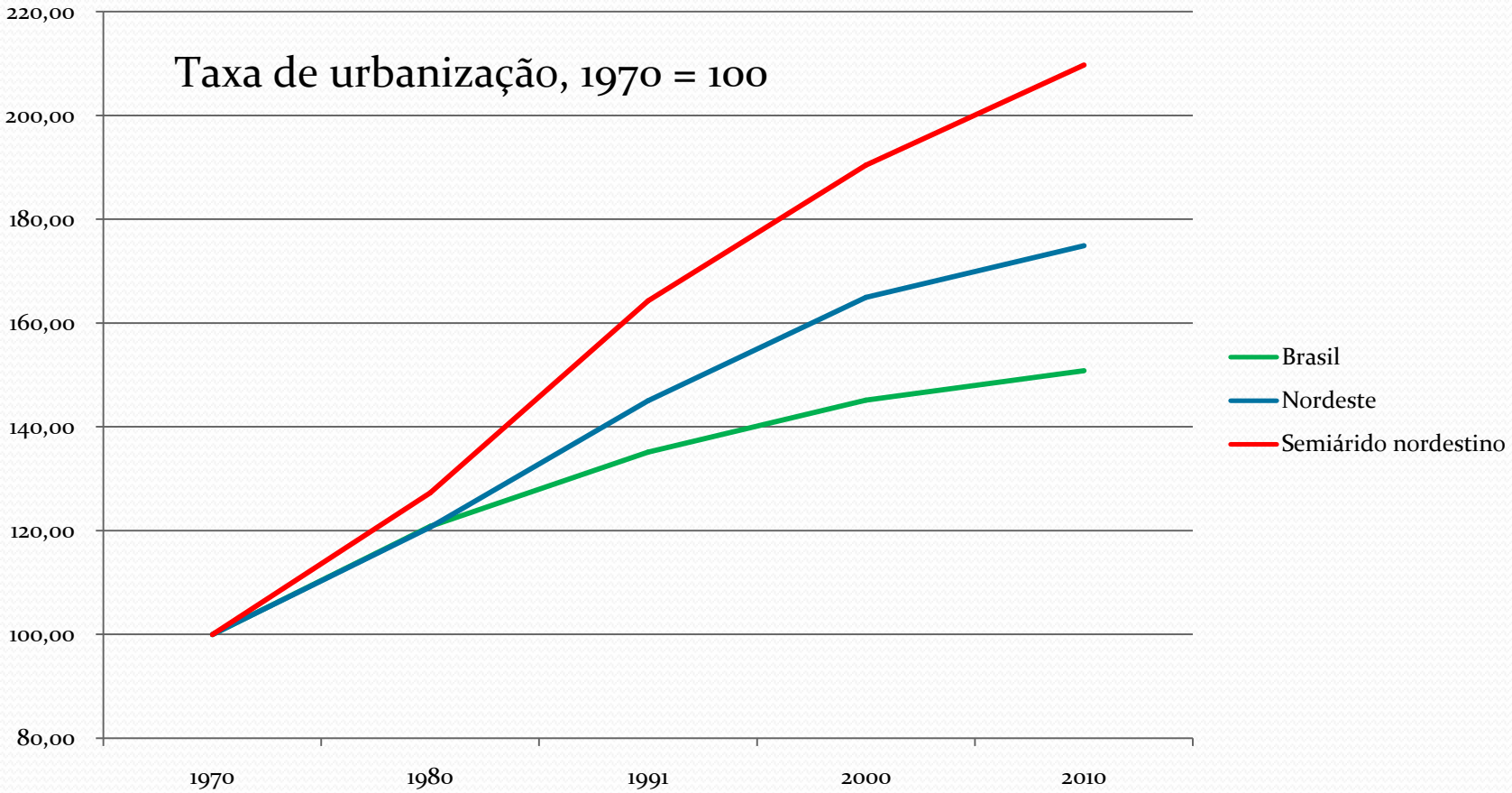
Brasil, Nordeste e Semiárido nordestino, 1970-2010: Taxa de urbanização (em %)

	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	55,94	67,59	75,59	81,19	84,37
Nordeste	41,82	50,46	60,65	68,98	73,14
Semiárido nordestino	29,63	37,72	48,69	56,42	62,15

Brasil, Nordeste e Semiárido nordestino, 1970-2010: Taxa de urbanização (1970 = 100)

	1970	1980	1991	2000	2010
Brasil	100,00	120,83	135,14	145,15	150,82
Nordeste	100,00	120,66	145,03	164,94	174,89
Semiárido nordestino	100,00	127,29	164,29	190,40	209,74

A sociedade do Semiárido tornou-se, em larga medida, urbana (II)



A sociedade do Semiárido tornou-se, em larga medida, urbana (II)

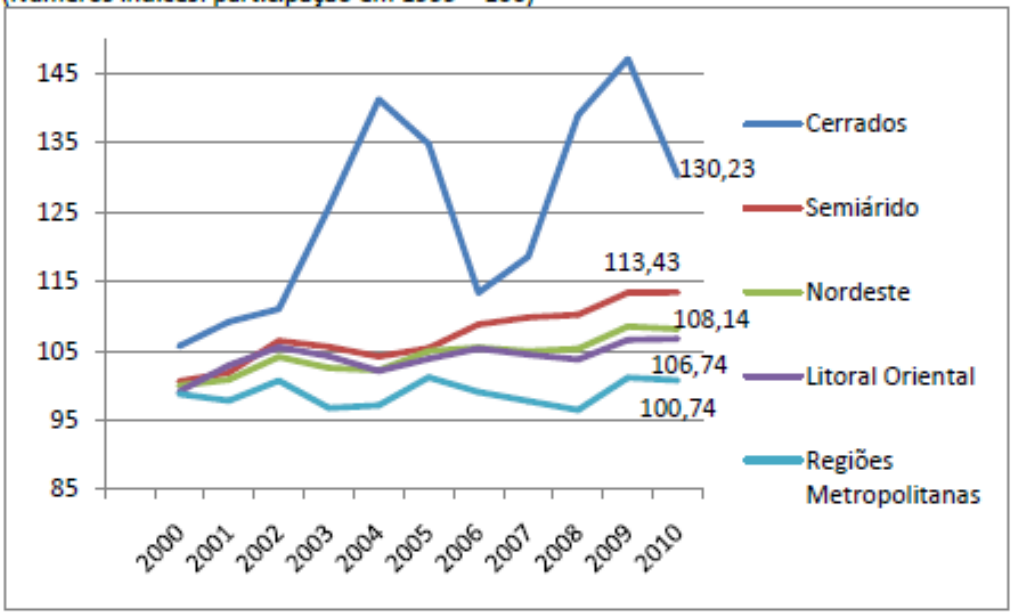
- Razões para a urbanização:
  - Maior presença do poder público nas cidades (empregos, serviços)
  - Expansão das aposentadorias rurais
  - Falta de opções reais de sustentação econômica no campo
- Implicações principais:
  - A redução relativa (e, desde 1980, absoluta) da população rural no Semiárido vai tornando menor o problema da seca
  - O afluxo de pessoas nas cidades força o desenvolvimento de uma economia urbana, menos dependente de água, menos vulnerável à seca

AS TRANSFORMAÇÕES RECENTES (I)

- Produto interno bruto do Semiárido cresceu mais (1999-2010) que o do Brasil e o do Nordeste
- Esse desempenho não se deveu à economia agropecuária do Semiárido
- (Veremos, em seguida, a que ele, provavelmente, se deveu)

Transformações recentes: A economia do Semiárido cresceu mais do que a economia brasileira e a nordestina, em 2000-10

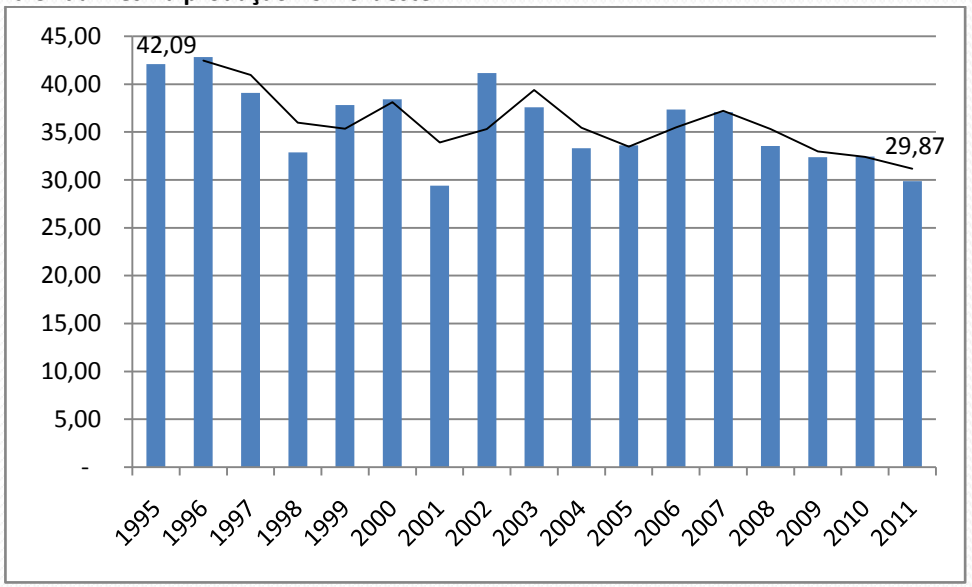
Sub-Regiões selecionadas do Nordeste, 2000-2010
Variações na participação do Produto Interno Bruto da sub-região no PIB brasileiro
(Números índices: participação em 1999 = 100)



Fonte (dados brutos): IBGE, Produto Interno Bruto dos Municípios e IBGE, Contas Nacionais

Mas, esse crescimento não se explica pelo desempenho da agricultura ou pecuária (I)

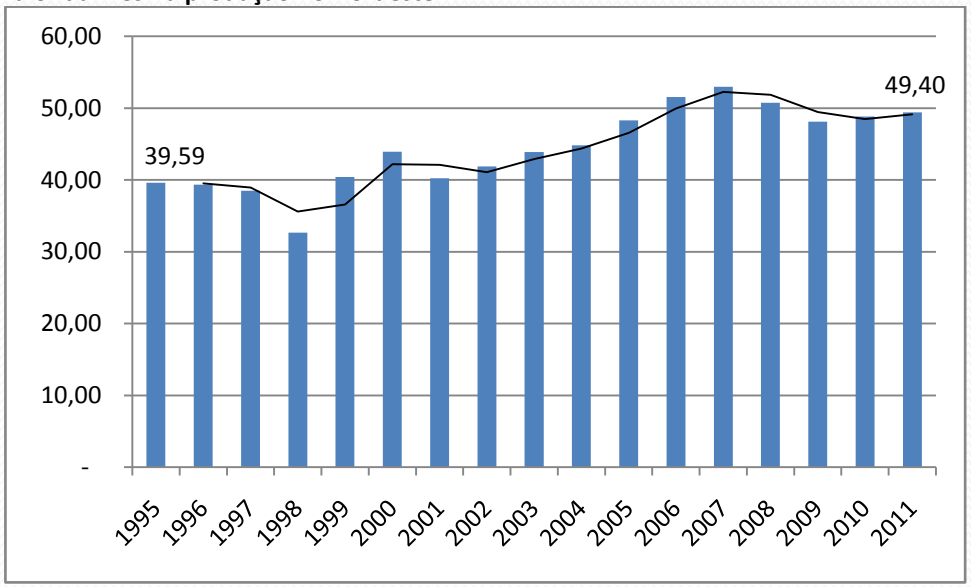
Figura 36
Semiárido nordestino, 1995-2011
Valor da produção agrícola das lavouras temporárias do Semiárido nordestino como percentagem do valor da mesma produção no Nordeste



As lavouras ***temporárias*** fornecem uma imagem aproximada da agricultura tradicional do Semiárido Nordestino
Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

Mas, esse crescimento não se explica pelo desempenho da agricultura ou pecuária (II)

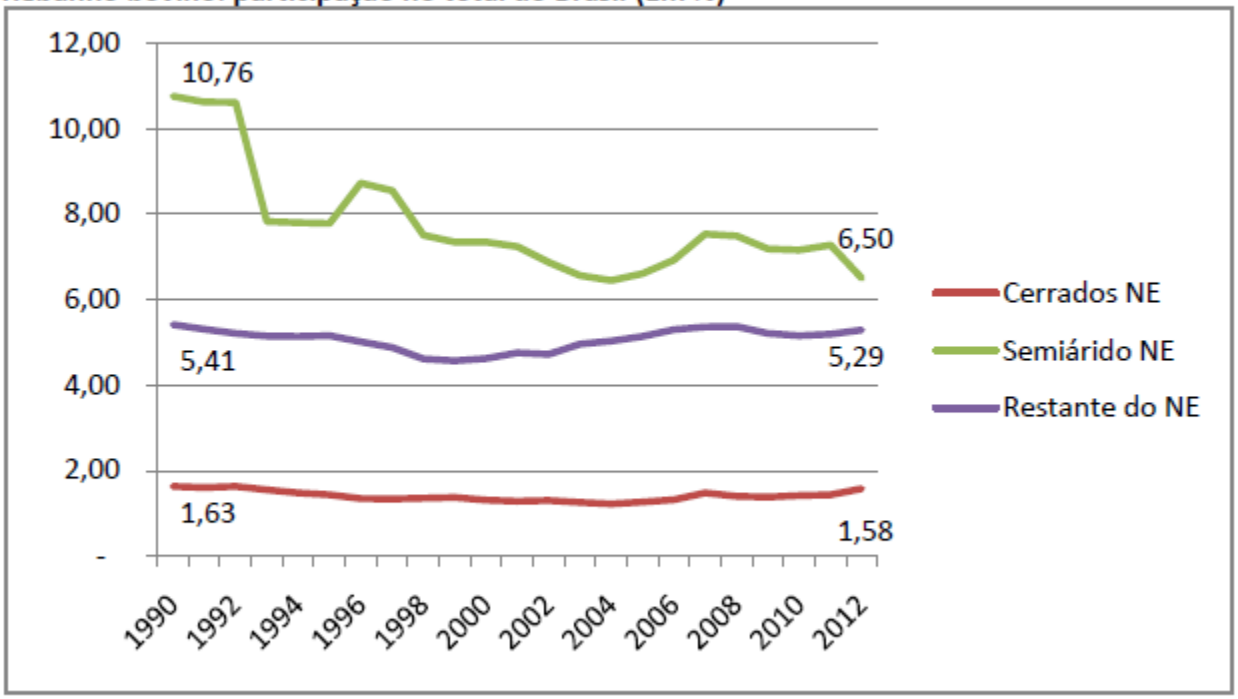
Figura 37
Semiárido nordestino, 1995-2011
Valor da produção agrícola das lavouras permanentes do Semiárido nordestino como percentagemdo valor da mesma produção no Nordeste



As lavouras ***permanentes*** fornecem uma imagem aproximada da agricultura moderna, geralmente, irrigada, do Semiárido Nordestino
Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

Mas, esse crescimento não se explica pelo desempenho da agricultura ou pecuária (III)

Cerrados do Nordeste, Semiárido do Nordeste e Restante do Nordeste, 1990-2011
Rebanho bovino: participação no total do Brasil (Em %)



Fonte: IBGE, Pesquisa Pecuária Municipal

Portanto...

- Está havendo mudanças na agricultura do Semiárido, mas elas se dão, sobretudo, nas áreas de irrigação. Culturas tradicionais, assim como a pecuária bovina, estão em declínio relativo

- Entretanto, o valor da produção agrícola irrigada (que está crescendo) ainda é muito menor que o da agricultura tradicional

- Portanto, as mudanças que estão acontecendo na agropecuária do Semiárido não são suficientes para explicar o crescimento do seu PIB (nem, muito menos, a acelerada urbanização do Semiárido)

Se o crescimento recente (1999-2010) do PIB do Semiárido não se explica pela agropecuária, então, o que o explica? (I)

- Houve, em primeiro lugar, "fatores políticos" subjacentes:
  - O crescimento da "Economia sem produção"
  - Os aumentos reais de salário mínimo
  - A difusão do crédito consignado
  - A construção de grandes projetos de infraestrutura
  - O estímulo à produção de energias alternativas
  - A expansão do ensino superior (público e privado)

Se o crescimento do PIB do Semiárido não se explica pela agropecuária, então, o que o explica? (II)

- E houve, em seguida, o "crescimento induzido pelo crescimento" de setores urbanos como:
  - Polos industriais "informais"
  - Bares, restaurantes
  - Moteis
  - Clínicas médicas
  - Shopping centers

“Fatores políticos”: Crescimento da “Economia sem produção” no Semiárido (I)

PIB Agrícola 2005 (R$ milhões)	Bolsa Família 2007 (R$ milhões)	Aposentadorias e pensões 2005 (R$ milhões)	Massa salarial formal setor privado 2005 (R$ milhões)
8.342	2.551	11.980	10.939
Emprego público em 1997 (1000)	**Emprego público em 2005 (1000)**	**Variação do emprego público 1997-2005 (%)**	**Variação do salário real setor público 1997-2005 (%)**
349	610	75	55

Fonte: Leonardo Alves de Araújo, João Policarpo R. Lima , “Transferências de renda e empregos públicos na economia sem produção do semiárido nordestino”, em http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/153/168

“Fatores políticos”: Crescimento da “Economia sem produção” no Semiárido (II)

- “Corrigindo pela inflação [para 2007] os valores encontrados [em 1997] e somando-os ao valor dos benefícios do PBF [Bolsa Família], observa-se que **a economia sem produção praticamente dobrou de tamanho em relação à primeira estimativa feita dez anos antes**”.
- Leonardo Alves de Araújo, João Policarpo R. Lima, “Transferências de renda e empregos públicos na economia sem produção do semiárido nordestino”, em http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/153/168

“Fatores políticos”: aumentos do salário mínimo

- Os aumentos reais do salário mínimo (que começam ainda nos anos 1990) impactaram o Semiárido, sobretudo, pela injeção de renda real dos aposentados e funcionários públicos

- (Ambos os contingentes têm representação quantitativa importante na população regional)

“Fatores políticos”: crédito consignado

- A circulação de renda monetária “permanente” (aposentadorias, salários de funcionários públicos, mais tarde, Bolsa Família) e a possibilidade legal de os bancos fazerem empréstimos consignados levou a uma expansão do consumo acima do aumento real da renda

- (É claro que esse processo tem limites, que podem já ter sido alcançados)

“Fatores políticos”: Grandes projetos de infraestrutura (I)

Grandes projetos de infraestrutura em construção

(Projetos envolvendo mais de um estado)

- A ferrovia Nova Transnordestina (R$ 5,4 bilhões)
- A Integração do Rio São Francisco com as Bacias do Nordeste Setentrional, popularmente conhecida como “transposição” (R$ 4,7 bilhões)
- A construção ou revitalização de perímetros de irrigação (R$ 1,4 bilhão)
- O conjunto de projetos de implantação, ampliação ou melhoria de sistemas públicos de esgotamento sanitário em municípios das bacias do São Francisco e do Parnaíba (R$ 1,1 bilhão)

“Fatores políticos”: Grandes projetos de infraestrutura (I)

Grandes projetos de infraestrutura em construção

(Projetos envolvendo apenas um estado)

- A ferrovia Oeste-Leste, na Bahia (R$ 1,8 bilhão)
- O Canal do Sertão Alagoano (R$ 1,5 bilhão)
- O conjunto de projetos do programa Luz para Todos da Bahia (R$ 1,4 bilhão)
- A Adutora do Agreste, em Pernambuco (R$ 1,2 bilhão)

“Fatores políticos”: energias alternativas (I)

- Proinfa: Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (2002)

- Leilões de compra de energia de reserva

“Fatores políticos”: energias alternativas (II)

Figura 64
Em Aracati, CE, a paisagem reúne o futuro eólico e o presente asinino

“A fazenda Bons Ventos, em Aracati: 75 torres usam a força dos ventos para produzir 150 MW num dos cartões postais do Estado do Ceará”. Foto Haroldo Saboia, em http://economia.ig.com.br/grandes-obras-abrem-caminho-do-novo-nordeste/n1237558616503.html

“Fatores políticos”: energias alternativas (III)

- Valor total dos investimentos em curso (2013): R$ 10,5 bilhões
- Na distribuição por estados, o Rio Grande do Norte é primeiro, com R$ 5,3 bilhões. A Bahia (R$ 2,6 bilhões) e o Ceará (R$ 2,2 bilhões) também merecem registro.
- Os principais municípios onde se sediarão os projetos de usinas eólicas são Parazinho e João Câmara, no Rio Grande do Norte, e Caetité, na Bahia.

“Fatores políticos”: energias alternativas (IV)

- Os projetos (que somam um investimento de R$ 10,5 bilhões) correspondem a:
- Uma vez e meia o investimento da Fiat em Goiana, Pernambuco
- Uma vez e meia o investimento do Polo Petroquímico de Suape, também em Pernambuco
- Uma vez e oito décimos o investimento da fábrica de celulose da Suzano, no Maranhão
- Quatro vezes e oito décimos o valor do investimento projetado do Estaleiro Eisa, em Alagoas
- Nove vezes e meia o investimento em ampliação da Braskem, também em Alagoas
- Onze vezes e sete décimos o investimento da fábrica de automóveis JAC, em Camaçari, Bahia
- Treze vezes e seis décimos o valor de investimento para a implantação da fábrica de vidros planos da Brennand, em Pernambuco.

“Fatores políticos”: energias alternativas (V)

- Os R$ 10, 5 bilhões em investimentos das usinas eólicas geradoras de eletricidade também superam, por larga margem, qualquer um dos grandes projetos de infraestrutura em construção no Nordeste, como a ferrovia Transnordestina (R$ 5,4 bilhões), a Transposição (R$ 4,7 bilhões) e a duplicação da BR-101 (R$ 2,8 bilhões).

“Fatores políticos”: Expansão do ensino superior (I)

- Prouni (Programa Universidade para Todos): bolsas para estudantes do ensino superior em escolas privadas

- Crédito educativo (FIES): financiamento dos alunos de cursos superiores

“Fatores políticos”: Expansão do ensino superior (II)

Tabela 16
Brasil, Nordeste e Semiárido Nordestino, 2000-10
Pessoas que frequentavam escola de ensino superior (graduação)

Território	2000	2010	Variação absoluta (2000-10)	Variação percentual (2000-10)	Estudantes de nível superior (ENS) por 1000 habitantes	
					2000	2010
Brasil	2.864.046	6.197.318	3.333.272	116,38	16,87	32,49
Nordeste	473.802	1.307.230	833.428	175,90	9,92	24,63
Semiárido Nordestino	115.110	388.495	273.385	237,50	5,51	17,19

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 2000 e de 2010

“Fatores políticos”: Expansão do ensino superior (III)

Semiárido Nordestino, 2000-10
Pessoas que frequentavam escola de ensino superior (graduação)
Os 20 Municípios com maior incremento absoluto do número de estudantes

	2000	2010	Variação absoluta	Variação percentual
Feira de Santana - BA	5.163	18.660	13.497	261,42
Campina Grande - PB	7.355	18.016	10.661	144,95
Vitória da Conquista - BA	2.761	11.282	8.521	308,62
Mossoró - RN	3.171	11.302	8.131	256,42
Petrolina - PE	2.659	9.275	6.616	248,82
Juazeiro do Norte - CE	2.330	8.710	6.380	273,82
Caruaru - PE	2.241	7.515	5.274	235,34
Sobral - CE	2.099	7.163	5.064	241,26
Caucaia - CE	1.709	6.198	4.489	262,67
Arapiraca - AL	1.570	5.693	4.123	262,61
Juazeiro - BA	1.614	5.025	3.411	211,34
Crato - CE	1.667	5.073	3.406	204,32
Picos - PI	1.045	3.649	2.604	249,19
Paulo Afonso - BA	912	3.491	2.579	282,79
Jequié - BA	1.354	3.802	2.448	180,80
Garanhuns - PE	1.247	3.647	2.400	192,46
Guanambi - BA	516	2.455	1.939	375,78
Cajazeiras - PB	545	2.435	1.890	346,79
Patos - PB	1.157	3.002	1.845	159,46
Serra Talhada - PE	428	2.149	1.721	402,10

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 2000 e de 2010

“Fatores políticos”: Expansão do ensino superior (IV)

No Semiárido nordestino, o número estimado como valor da produção dos serviços de educação superior, em 2010, foi de R$ 1,4 bilhão. Isso é mais do que o valor da produção de qualquer um dos três produtos tradicionais da agricultura do Semiárido: feijão (valor da produção, em 2010, R$ 837 milhões), milho (R$ 756 milhões), e mandioca (R$ 633 milhões). O valor adicionado dos serviços de educação superior (restritos à graduação) no Semiárido nordestino foi estimado, com todas as limitações já informadas, em R$ 1 bilhão.

“O crescimento induzido pelo crescimento”: os polos industriais informais (I)

- Polos de confecções em cidades como Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e mais outras 10 em Pernambuco e em outros estados
- Polos de calçados em cidades como Campina Grande e Patos (PB)
- Polos moveleiros, como em Gravatá (PE)
- Outros

“O crescimento induzido pelo crescimento”: os polos industriais informais (II)

- “O Ceará exportou mais da metade de pares de calçados que o Rio Grande do Sul, líder nas vendas. O 1º lugar fechou 2012 com US$ 385 milhões e o Estado, que ficou em 2º lugar, teve faturamento de US$ 319 milhões” (25/2/2013) http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1236279
- “E os números da Paraíba, conforme a Abicalçados, já apontam um cenário ainda melhor neste ano (2013). O Estado aumentou em 15,5% seu faturamento em exportações sobre 2012, no fechamento do primeiro trimestre. Foi o terceiro melhor resultado do país”
- http://www.paraiba.pb.gov.br/70123/campina-grande-recebe-maior-evento-de-calcados-do-nordeste-a-partir-da-terca-feira.html

“O crescimento induzido pelo crescimento”: os polos industriais informais (III)

“O Polo de Confecções do Agreste [PE] contabiliza 18.803 unidades produtivas, sendo 10.743 empresas fabricantes diretas de produto e 8.060 empresas complementares. A região registrou PIB de R$ 3,8 bilhões em 2009, sendo R$ 2,9 bi referentes às cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Toritama. O crescimento geral em relação ao ano 2000 foi de 56,1%, enquanto que o Brasil cresceu 36,2% no mesmo período, e Pernambuco cresceu 44,3%”

http://www.caigatoda.com.br/noticias-intro/384/polo-de-confeccoes-do-agreste-registra-crescimento-acima-da-media-estadual

São 107 mil empregos diretos apenas na produção, segundo constatou recente pesquisa do Sebrae-PE

“O crescimento induzido pelo crescimento”: os polos industriais informais (V)

Figura 66
O Shopping Moda Center do Pólo de Confecções do Agreste pernambucano

O shopping Moda Center só vende confecções, quase 100% delas produzidas no próprio Polo do Agreste. (A aridez da região também pode ser apreciada na foto.)
Fonte: foto colhida em http://www.blogdoneylima.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Moda-Center-Oficial.jpg

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Bares e restaurantes

Bob’s em Patos, PB

(Foto Gustavo Maia Gomes)

Subway em Cajazeiras, PB

(Foto colhida em http://www.canalnoite.com.br/cajazeiras/)

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Moteis

Motel Bahamas, próximo a Sousa, PB
(Foto Gustavo Maia Gomes)

Estrela Motel, entre Salgueiro e Arcoverde , PE
(Foto Gustavo Maia Gomes)

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Clínicas médicas

Clínica Citoanálise, em Cajazeiras, PB (Foto Gustavo Maia Gomes)

Anúncio de clínica médica em Salgueiro, PE (Foto Gustavo Maia Gomes)

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Shopping Centers no Sertão (I)

Shopping Centers do Nordeste: Nomes, cidades, ano de inauguração e área construída
(Continua)

Ordem	UF	Nome do Shopping	Cidade	Ano de inauguração	Área construída (m^2)
1	BA	Shopping Center Iguatemi	Salvador	1975	146.002
2	PE	Shopping Recife	Recife	1980	169.826
3	CE	Shopping Center Iguatemi	Fortaleza	1982	113.600
4	RN	Shopping Cidade Jardim	Natal	1984	Não inform.
5	BA	Shopping Center Piedade	Salvador	1985	43.878
6	BA	Brotas Center	Salvador	1986	4.570
7	BA	Shopping Barra	Salvador	1987	149.040
8	PB	Manaíra Shopping	João Pessoa	1989	105.000
9	AL	Maceió Shopping	Maceió	1989	50.991
10	AL	Shopping Cidade	Maceió	1989	50.991
11	SE	Shopping RioMar	Aracaju	1989	49.618
12	CE	North Shopping Fortaleza	Fortaleza	1991	145.000
13	RN	Natal Shopping Center	Natal	1992	84.942
14	PE	Shopping Guararapes	Jaboatão dos Guararapes	1993	72.000
15	CE	Avenida Shopping & Office	Fortaleza	1994	7.505
16	RN	Via Direta Shopping Center	Natal	1995	14.287
17	PE	River Shopping	Petrolina	1995	29.800
18	CE	Salinas Casa Shopping	Fortaleza	1996	30.000
19	BA	Shopping Center Lapa	Salvador	1996	32.156
20	PI	Teresina Shopping	Teresina	1997	37.185
21	CE	Cariri Shopping Center	Juazeiro do Norte	1997	23.849
22	RN	Praia Shopping	Natal	1997	19.961
23	PE	North Shopping	Caruaru	1997	57.392
24	PE	Shopping Tacaruna	Recife	1997	100.093
25	SE	Shopping Jardins	Aracaju	1997	61.965
26	BA	Shopping Itaguari	Santo Antônio de Jesus	1997	15.300
27	PE	Shopping Boa Vista	Recife	1998	57.668
28	PE	Plaza Shopping Casa Forte	Recife	1998	48.966
29	MA	São Luís Shopping Center	São Luís	1999	54.676
30	CE	Shopping Benfica	Fortaleza	1999	13.056
31	PB	Mag Shopping	João Pessoa	1999	25.000
32	BA	Boulevard Shopping de Feira	Feira de Santana	1999	49.328
33	CE	Shopping del Paseo	Fortaleza	2000	36.176
34	BA	Shopping Jequitibá	Itabuna	2000	20.698
35	PB	Shopping Tambiá	João Pessoa	2002	90.000

(Continua)

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Shopping Centers no Sertão (II)

Shopping Centers do Nordeste: Nomes, cidades, ano de inauguração e área construída (Conclusão)

36	BA	Shopping Liberdade	Salvador	2002	4.023
37	CE	North Shopping Maracanaú	Maracanaú	2003	18.500
38	PE	Shopping Paço Alfândega	Recife	2003	42.606
39	PE	Polo Comercial de Caruaru	Caruaru	2004	63.000
40	RN	Midway Mall	Natal	2005	227.000
41	MA	Jaracati Shopping	São Luís	2006	12.000
42	BA	Shopping Conquista Sul	Vitória da Conquista	2006	52.840
43	RN	Norte Shopping	Natal	2007	35.936
44	BA	Salvador Shopping	Salvador	2007	298.000
45	CE	Via Sul Shopping	Fortaleza	2008	61.684
46	PE	Shopping Costa Dourada	Cabo de Santo Agostinho	2009	19.752
47	PE	Shopping Difusora	Caruaru	2009	50.000
48	AL	Shopping Pátio Maceió	Maceió	2009	64.000
49	BA	Shopping Paralela	Salvador	2009	132.398
50	MA	Rio Anil Shopping	São Luís	2010	57.000
51	CE	Pátio Dom Luís	Fortaleza	2010	8.500
52	BA	Salvador Norte Shopping	Salvador	2010	107.343
53	MA	Shopping da Ilha	São Luís	2011	82.000
54	SE	Shopping Prêmio Socorro	N Sra do Socorro	2011	17.433
55	PE	Rio Mar Shopping	Recife	2012	295.000
56	PE	Salgueiro Shopping	Salgueiro	2012	22.253
57	BA	Shopping Bela Vista Salvador	Salvador	2012	117.370
58	MA	Unique Shopping Açailândia	Açailândia	2013	31.000
59	PI	Parnaíba Shopping Center	Parnaíba	2013	22.021
60	CE	North Shopping Parangaba	Fortaleza	2013	60.000
61	CE	Shopping Juazeiro	Juazeiro do Norte	2013	35.753
62	CE	Sobral Shopping	Sobral	2013	48.444
63	PE	Vitória Park Shopping	Vitória de Santo Antão	2013	52.378
64	AL	Shopping Arapiraca Garden	Arapiraca	2013	47.500
65	AL	Parque Shopping Maceió	Maceió	2013	66.293
66	PE	Petrolina Park Shopping	Petrolina	2014	42.000

Fonte: Abrasce (Associação Brasileira de Shopping Centers), “Censo Brasileiro de Shopping Centers, 2012-13”, disponível em http://viewer.zmags.com/publication/6a6cf22c#/6a6cf22c/216 Em vermelho e negrito, os shoppings localizados em cidades do Semiárido.

“O crescimento induzido pelo crescimento”: Shopping Centers no Sertão (III)

Juazeiro do Norte, no Semiárido cearense, já tem seu shopping center desde 1997. Ganhará outro, mostrado abaixo. A foto é de uma maquete, portanto, de uma representação idealizada. A cidade real ainda não é assim, com o shopping rodeado de jardins; com as calçadas impecavelmente cuidadas; com os automóveis bem-comportados que não estacionam em locais proibidos; com as ruas sem buracos; com os pedestres atravessando a avenida nas faixas a eles destinadas (e sem serem atropelados por este ato de coragem); com nenhum lixo exposto à contemplação pública. A imagem da maquete é a da cidade que o novo shopping center trará. Pelo menos, assim o esperam os juazeirenses do Norte.

Figura 83
O segundo shopping em Juazeiro do Norte (Maquete)

Juazeiro do Norte já tinha um shopping. O segundo tem inauguração prevista para o primeiro semestre deste ano (2014).[117]

Como as transformações se relacionam com a "convivência produtiva com a seca"?

- Tanto os "fatores políticos" quanto o "crescimento induzido pelo crescimento" contribuíram para a formação, no Semiárido, de uma economia urbana ("com produção" e "sem produção") menos demandante de água

- Por isso, para o conjunto da população do Semiárido, a seca tem, hoje, uma significação muito menor do que tinha há 30 ou 40 anos. **Já existe uma "convivência produtiva com a seca"**

- Resta a situação dos pequenos agricultores e pecuaristas familiares de sequeiro: para eles, a seca, ainda é um grande problema

O que fazer com os pequenos agricultores e pecuaristas de sequeiro? (I)

- Para os pequenos produtores, defendo um programa cujos princípios e estratégias, em grandes linhas, seriam os seguintes:
  - 1. A migração deles para as cidades não deve ser desestimulada, mas é preciso dotar os centros urbanos de condições adequadas para acolhê-los
  - 2. Para os que ficarem, dever-se-ia desenvolver uma política de proteção que, em sua essência, lembraria a Política Agrícola Comum da União Europeia: **o Estado paga para garantir a permanência de parte da população no campo.** Aos que se escandalizam com a ideia de o Estado subsidiar a atividade produtiva, a pergunta é por que eles não se escandalizam com o pagamento de tantas bolsas, em retribuição ao não-trabalho.
  - 3. Para os que ficarem, será garantida a quantidade de terra mínima para atingir níveis mínimos de viabilidade econômica (ainda que subsidiada). Isso deve exigir uma reforma agrária que, na maior parte dos casos, aglutinará propriedades, ao invés de reparti-las

O que fazer com os pequenos agricultores e pecuaristas de sequeiro? (II)

- Para os pequenos produtores, defendo um programa cujos princípios e estratégias, em grandes linhas, seriam os seguintes:

  - 4. O Estado financiaria com largos subsídios a construção da infraestrutura de proteção às secas nessas propriedades criadas pela reforma agrária.

  - 5. Tecnologias de convivência com a seca existem, mas elas não se pagam, do ponto de vista do produtor: caberia ao Estado subsidiar os custos privados, de modo a possibilitar a utilização dessas tecnologias.

  - 6. A pesquisa agronômica, obviamente, deveria continuar e ser intensificada: se a promessa de milho resistente à seca (por exemplo) não for, apenas, uma miragem, sua incorporação à atividade dos pequenos produtores pode gerar um ganho enorme

À guisa de conclusão: serão permanentes as transformações observadas no Semiárido?

- A população do Semiárido tem melhores condições de vida hoje do que no passado: um grau, relativamente, alto de "convivência produtiva com a seca" foi alcançado

- Os ganhos obtidos são (possivelmente) irreversíveis, a menos que a economia brasileira entre em crise prolongada, mas eles não caracterizam, ainda, uma situação satisfatória

- O grande desafio do Semiárido continua a ser a de desenvolver uma economia de alta produtividade. Somente isso será capaz de gerar melhorias significativas (além das já alcançadas) e sustentáveis à sua população

Obrigado